



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

LITERATURA E GRAFFITI DA RUA À ESCOLA: POR UM LETRAMENTO POÉTICO-MARGINAL NO ENSINO MÉDIO

GT-13: LITERATURA E OUTRAS ARTES: REFLEXÕES, INTERFACES E REVERBERAÇÕES NO ENSINO

Autor: Gislaine Félix De Oliveira; Co-autor: Francisco Leandro Torres;

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Gislaine.pedagogia@gmail.com; Paz_verde7@hotmail.com

Resumo: A pesquisa objetiva possibilitar a inserção do graffiti e/ou pixo nas aulas de literatura do Ensino Médio como um caminho para o letramento poético. Para abordar essa perspectiva, utilizaremos os Estudos Culturais (HALL, 1997; 2014) em literatura, uma investigação voltada para as relações de poder e resistência, conforme as teorizações de Foucault (2014). A fim de pensar o graffiti e o pixo como intervenções urbanas, seguiremos as discussões de Monteiro (2015), e para dialogarmos com as questões de letramento “poético-marginal”, as discussões de Cosson (2007; 2014) e Souza (2011). Neste trabalho, entendemos o termo “marginalização” como toda produção que se encontra fora da exposição comercial de produtos e obras (literárias). Assim, o graffiti e o pixo, como ações de arte contemporânea, são representações dessas produções literárias marginais. Portanto, construir um ensino de literatura com os elementos que estão às margens das produções culturais dominantes e que não estão incluídas nas listas de indicações de cânones é promover a inclusão de saberes e de discentes, bem como reconfigurar os olhares para os espaços da sala de aula, da escola e da comunidade.

Palavras-chaves: Letramento literário, Grafite, Poesia marginal, Ensino de literatura.

Introdução: Na tentativa de esclarecer tais mudanças que ocorrem no ensino de literatura, convido a reviver os meus tempos de aluna, nos quais o ensino de literatura era sempre pautado nas grandes obras dos escritores da literatura brasileira: Machado de Assis, Castro Alves, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Raul Pompéia, entre outros. Nas aulas, esses autores eram citados e lidos de forma não atrativa, cobrados em exames de seleção para ingresso nas universidades. O meu

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



desinteresse estava ligado a mesma metodologia de leitura empregada e à memorização das histórias. Conforme explicitado por Silva, “na escola, a leitura é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos tornam-se atividades relegadas a segundo plano” (2003).

Recorro a essas memórias para externar que as aulas de literatura no Ensino Médio ocorrem, na maioria dos casos, de forma enfadonha, levando à perda do interesse dos/as alunos/as. A sequência didática de leitura, compreensão, interpretação, exercícios gramaticais e produção textual – tradicionalmente seguida na escola - acaba por tornar o ensino de literatura monótono e mecânico. A exemplo disso, encontramos as fichas de leituras de obras estudadas.

Em vista desse cenário, busco possibilidades para o ensino de literatura e novas formas de integrá-la ao universo dos/as alunos/as, renovando os interesses pela disciplina. O intuito é que inspirem não só o processo de ensino e aprendizagem, mas que atendam ao despertar para o pensamento, para a sensibilidade e para as emoções (PENAC, 1993, 67).

Dessa forma, objetivamos estabelecer uma conexão entre expressões na contemporaneidade e a literatura no ensino, dialogando com as possibilidades de tornar a leitura de literatura mais presente no cotidiano escolar, bem como uma aproximação entre as noções que os/as alunos/as possuem de literatura e arte. Diante dessa contextualização surgem algumas problematizações, por exemplo, o graffiti e/ou o pixo podem ser considerados expressões literárias? Como realizar uma intervenção poética através da literatura marginal? A poesia marginal do graffiti e/ou pixo podem ser inseridas nas aulas de literatura? Como a literatura marginal do graffiti e/ou do pixo podem auxiliar no letramento literário? (SOUZA, 2011, p 22) Aqui, a literatura será compreendida pelas cores e riscos nos muros de nossa cidade que, através desses escritos dos grafiteiros e pixadores, vão nos fornecer possibilidades para iniciarmos o trabalho com a disciplina de literatura. Vale destacar que a partir de seu aparecimento como manifestação artística urbana, na década de 1970, em Nova Iorque, o graffiti apresenta uma mensagem de protesto, causadora de crítica e reflexão. Nos anos 1980, ápice da Guerra Fria, Berlim e o seu famoso muro que apartava os dois lados da capital alemã, também conheceram a choque dessa arte. Devido a esse impacto, em 1990, um trecho de 1,3km do antigo monumento à divisão, forma atualmente a *East Side Gallery*, espaço totalmente dedicado a grafiteiros de vinte países diferentes.

Quanto aos termos “pichação” e “grafite”, não são representações usadas pelos informantes e produtores dos grafismos. Assim, assumo a posição em escrever “pixo” e “graffiti”, e o faço com base em duas concepções. A primeira baseia-se nos Estudos Culturais (CEVASCO, 2003), que



consideram relevante essa escrita como nativa dos pixadores e graffiteiros. A segunda compete a uma posição política, reconhecendo a legitimidade dessas práticas sociais as quais emergem no mundo, considerando que a linguagem produz efeito de poder. Ademais, utilizaremos a palavra *tag* (do inglês: etiqueta, marca), assinatura criada por cada pixador, uma espécie de estilo, como parte da sua identidade (SOARES, 2013,p25.)

Nessa perspectiva, encontramos em Monteiro (2015) uma noção bastante válida para desenvolvimento do nosso estudo, a qual expõe que “através do graffiti e da pixação, o muro passa a ter outra função: a de suporte para cultura de rua, como uma tela a ser escrita, torna a rua uma galeria de arte ao ar livre” (p. 22).

Existem vários tipos de graffiti e pixações na cidade, mas como a proposta é levar esses elementos para a sala de aula nos deteremos a alguns em específico, capitados em muros das escolas e nas ruas da cidade, optando pela fotografia, pois são grafismos que se comunicam através da imagem. Para abordarmos sobre graffiti e pixação, vamos nos valer da expressão grafismos urbanos, conceitualizada por Deborah Lopes Pannachin (2003):

Os grafismos urbanos que vemos espalhados pelos muros são o resultado de um processo em que o escritor [...] assimila e interioriza diversos elementos da urbanidade em que vive, processa-os e com eles interage, para posteriormente devolvê-los ao ambiente externo sob a forma de graffiti ou pichação [...] os grafismos urbanos são, na forma como exercidos e no comportamento libertário de seus agentes, uma linguagem, além de artística, também política, que constrói novas significações dentro do espaço urbano e público, transformando-o qualitativamente (PANNACHIN, 2003 *apud* MONTEIRO, 2015, p. 24).

Nesse sentido, existem formas de grafismos urbanos que fazem parte do cotidiano dos sujeitos contemporâneos e podem ser atravessados pelo ensino de literatura, existindo uma espécie de ligação entre os estudantes e o universo externo ao ambiente restritamente escolar.

A cidade do Natal, capital do Rio grande do Norte, traz nos grafismos urbanos - encontrados nos muros e paredes - uma postura assumidamente marginal, anticapitalista e de terrorismo poético que serve de interrogador, estando fora do ciclo comercial de arte dos considerados grandes centros urbanos, embora siga toda a cartilha do *modus vivendi* dessas metrópoles.

Seguindo os objetivos, a metodologia proposta neste artigo classifica-se como qualitativa e etnográfica, por entender que proporcionam maior interação entre o pesquisador e o campo de estudo, levando em consideração as subjetividades, as experiências e as vivências dos sujeitos. Em suma, o estudioso encontra-se em contato direto com o seu objeto de estudo e, por isso, precisa estar

atento a todas as questões do campo da subjetividade.

Logo, os objetivos da pesquisa qualitativa são apresentados por Flick (2004, p.21) como: “[...] não são reduzidos a variáveis únicas, mas são estudados em sua complexidade e totalidade em seu contexto diário. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais em laboratório, mas as práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana”.

Tal direcionamento de pesquisa se distancia dos padrões estritamente numéricos, dados estatísticos e aritméticos, mas tem a atenção do pesquisador para escolher a forma adequada das ações e teorias cabíveis para análise e reconhecimento de diferentes perspectivas, como também entende a sua pesquisa como passível de investigação.

Considerando o exposto e o interesse em estudar a inserção do graffiti e pixo nas aulas de literatura, importa serem conceituados não mais como vandalismo ou poluição visual, mas como grafismos urbanos que podem alcançar e ilustrar tanto experiências cotidianas dos sujeitos urbanos quanto causar reflexões, já que essa arte está exposta ao ar livre, rompendo as barreiras de galerias e museus.

Sendo assim, optamos pelo método de pesquisa da observação, para que se faça compreender e possibilitar essa inserção. Para Marconi e Lakatos (2007, p. 192), “a observação é uma técnica de coleta de dados, que [...] não atende apenas aspectos em ler e ouvir, mas examina fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Nesse sentido, pesquisador e pesquisado ficam do mesmo lado, possibilitando ao primeiro as vivências de sua pesquisa. Tal metodologia foi fundamental para a aproximação com grafiteiros/as e pixadores/as da cidade, de modo a sentirem confiança em compartilhar as ações do universo do graffiti e do pixo.

A ARTE DO GRAFFITI: INTERVENÇÃO URBANA

O graffiti é um grafismo urbano que surgiu junto aos movimentos de Contracultura na década de 1960. Inicialmente, o graffiti estava ligado a indagações políticas e ideológicas como um movimento que buscou a reafirmação de uma identidade periférica.

Com a expansão desse movimento, as gangues passaram a assumir o graffiti como demarcações de territórios com códigos entendidos apenas pelos participantes pertencentes à comunidade letrada nesses grafismos, desencadeando, então, o surgimento do pixo. Diferente do pixo, o graffiti tem uma ação técnica mais aprimorada, envolvendo um planejamento mais detalhado do que se vai produzir, frases poéticas e desenhos mais elaborados feitos em stencil e à mão livre.



Comumente, o senso comum confunde a ação do graffiti com a do pixo. A primeira deseja uma visibilidade mais artística diante da sociedade. Enquanto ao pixo importa reconhecimento dentro do grupo, ocupando os lugares mais altos e que tragam visibilidade e reconhecimento, mas perante o grupo de pixadores. “Os pichadores geralmente produzem pouca simbolização e seus traços ou *Tags* são como garatujas e rabiscos para a maioria dos pedestres” (RINK, 2013, p22) Entender o graffiti como intervenção urbana torna-se relevante, pois esse movimento se desprende das periferias e passa a ocupar outros lugares da cidade, transformando o ambiente, imprimindo à cidade novos valores (antes restritos a algumas localidades), existindo uma estética da ocupação. Dessa forma, essa intervenção passa a fazer parte das impressões cotidianas de alunos e alunas.

Em seu trabalho Monteiro (2015) mostra a visão de graffiteiros que enxergam na cidade uma possibilidade de tela ao ar livre. Em meio aos amontoados de sujeira, de lixo, de poluição, de prédios, de trânsito, ou seja, tudo que define uma grande cidade, o graffiti se apresenta como uma nova possibilidade de ocupação dos espaços urbanos, trazendo cores para o mundo cinzento e caótico das metrópoles. Ilustra esse cenário a fala de um dos entrevistados por Monteiro (2015, p. 88):

Eu vejo a cidade como uma grande gaiola, a gaiola do hamster, que alguém colocou a gente ali dentro, e se vira, a gente só está fazendo essa gaiolinha ficar mais barato do que já é, já tem tanta coisa ruim, né, por aí pela cidade, e se a gente for expressar tudo isso sai tanta coisa ruim, graffiti é uma arma, quando a criança passa ela veja que existe uma cor, mesmo que isso fique lá no fundo do subconsciente, ela vai guardar aquela imagem, aquela mensagem, mesmo que ela não entenda e interprete da forma dela, sempre há uma interpretação, nunca vai sair só com uma interrogação. Eu acho bem interessante (Shellder, entrevista realizada em 13 de outubro de 2013).

Seguindo as falas do entrevistado, conseguimos perceber no graffiti toda a sua ação criadora, agindo sobre a ação da poluição com características cinzentas, atribuindo novos significados aos cantos da cidade. O que se percebe é uma ocupação do pertencimento, buscando uma transformação do espaço e lugares através dos traços, cores e escritos poéticos que transformam, partindo da interação do graffiteiro com a cidade, possibilitando a criação de novos significados e ressignificações.

A “literatura tradicional” e a “literatura marginal” são produções discursivas que possuem significados diferentes para a definição e avaliação sobre o que é literatura, em cada uma das linguagens, pois possuem processos produtivos distintos, ou seja, um sistema separado de



significações. Nesse sentido, todas as concepções do que pode ser literário são a partir de cada sistema de significação, que determina as normas avaliativas do que é e do que pode (ou não) ser literatura. “Questionar a identidade significa questionar os sistemas de significação que lhe dão sustentação, e considerar que todos os sistemas simbólicos envolvem relação de poder” (SILVA, 2014, p. 91). Isto posto, não compreendemos o graffiti como uma arte urbana puramente técnica, mas como algo que possui uma linguagem literária, a qual procura um modo de ser simbólico, ou seja, identidades constituídas através de valores culturais e sociais.

Encaminhando-se para a nossa proposta de relacionar os grafismos urbanos com o campo literário, percebemos no discurso da educação sobre literatura uma anacronia, isto é, o ensino de literatura, em sua maior parte, não abarca as práticas contemporâneas de linguagem por ainda, nas práticas escolares, considerar o cânone como única possibilidade de caminhamentos para o ensino literário nas escolas (SILVA, 2003, p.33). Os graffitis das ruas expressam os fluxos da vida contemporânea, modos de ser dos sujeitos, violências cotidianas, manifestações políticas, manifestações artísticas que retratam pertencimento à contemporaneidade e que a escola com seu modelo tradicional continua a ignorar.

Se o ensino em literatura se mostra como fundamental para a formação dos/as alunos/as e configura-se como mediador no processo de desenvolvimento de sujeitos que refletem sobre a diversidade sociocultural, deve-se repensar a ideia do que é literário. É necessário ter em mente as inúmeras formas de experiência que diversos grupos consideram como algo literário e como processo de criação.

O graffiti subverte a lógica de intervenção urbana, vivenciando e possibilitando outros sentidos e outras formas de intervenção. Nele encontram-se elementos literários que podem ir além do componente urbano para se tornar uma intervenção humana no contexto escolar, podendo auxiliar no ensino de literatura e possibilitando uma ocupação dessas aulas como estratégia para a inserção do novo modo de ensinar literatura.

Entende-se a escola como um espaço de interação social, em seu ambiente consegue-se atingir as diversas camadas sociais, econômicas e culturais. Dessa maneira, e com tantas transformações que ocorrem, não podemos continuar estáticos quando o assunto é o ensino literário.

Não permitir um encaminhamento de novas possibilidades para a educação no ensino de literatura é concordar com o falecimento literário, ou seja, a perda do interesse para com a literatura.



É preciso garantir um contato efetivo com as palavras que rodeiam o mundo, fazendo o contato e a exploração de palavras, e que a literatura de muros seja utilizada para causar inquietude e garantir um letramento “poético-marginal”.

A POESIA, O PIXO E O ENSINO DE LITERATURA: INTERVENÇÃO HUMANA

O cotidiano urbano nos passa despercebido e pouco olhamos às mensagens as quais esses ambientes nos pretende transmitir. Enxergar o mundo através dos grafismos urbanos é como fugir da lógica do enquadramento, é perceber que a cidade tem vida e que essa existência é noturna, transgressora e subversiva.

De acordo com Monteiro, “a cidade para o pixador é um caderno aberto para escrever suas anotações, estas variam entre *tag*, mensagens políticas, recados de amor, poesias, insultos e reflexões” (2015, p. 92). O pixador caminha pela cidade e consegue observar situações presentes nas rotinas diárias e que passam despercebidas, enxergam outras realidades, os espaços ganham novas formas e utilidades para que se transmitam suas mensagens, caminhantes noturnos buscam os melhores ângulos, os melhores lugares para expressar o que pensam, sentem ou até mesmo buscar visibilidade para a *tag* (sua assinatura). A cidade, entendida na visão dos praticantes dos grafismos urbanos, é muito mais que simples lugares de moradias, são locais para a demarcação da existência, do modo encontrado para expor sua expressão.

Esse pixo entra no embate com a lógica da higienização e limpeza. A estética do limpo não é nada mais do que a própria ordem das aparências (MONTEIRO, 2015,p.44), do que consideramos feio ou bonito, limpo ou sujo. O pixo e as cores distorcidas e agressivas demonstram os anseios dos sujeitos contemporâneos - os quais não se enquadram nos padrões sociais dominantes -, e ao apagar essas expressões estamos afastando esses sujeitos para lugares onde não podemos vê-los e ouvi-los. O autor Rink (2013)

compara a pichação com a violência; segundo este autor, a pichação representa as pulsões dos socialmente excluídos e sua manifestação geralmente desrespeita o pacto social. Os pichadores atuam em qualquer lugar que ofereça alguma visibilidade à sua marca, independentemente do valor histórico ou social atribuído ao local. (Rink, 2013 *apud* Bosco, 2010, p.)

O pixo como arte transgressora, tanto socialmente quanto dentro do próprio grupo, coloca em tensão uma imagem violenta. Entendo a violência causada pelo pixo como o choca causado e o desmonte dos padrões e determinismos estéticos da sociedade. Com técnicas diferenciadas do



graffiti, o pixo é e se mostra como o irmão rebelde, porém com causa. Em muitos casos, problematizando questões relevantes para a sociedade, mas que muitos não desconhecem ou não debatem, como é o caso do pixo de protesto.

Figura 2 - Pixo *Muro limpo povo calado*. Avenida Sen. Salgado Filho, Natal/RN



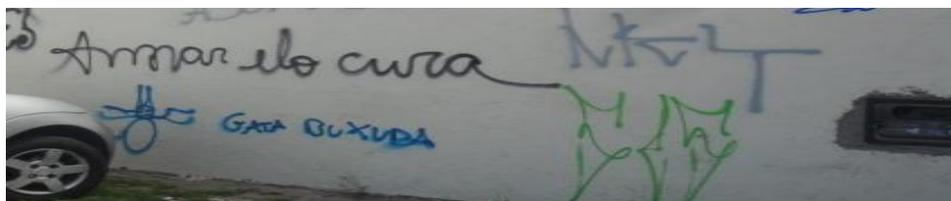
Fonte: Júlia Monteiro, 2014.

Em outra perspectiva, o pixo problematiza a questão da ocupação e pertencimento aos espaços. Monteiro (2015, p 44)

Ora, se o muro serve para dividir o espaço privado do público, o que é propriedade particular do que é coletivo, ao usar como suporte de sua arte essa barreira, o muro, o artista rompe com o que este supostamente representa, tornando-o público, se não o muro, ao menos o seu uso. Uso este prioritariamente entendido como privado, servindo à segregação, com este tipo de intervenção, passa a integrar uma arte pública, traduzida, muito bem, pela pixação da figura 16, “Se o mundo a deus pertence, muros e paredes há quem bem entenda”. Os muros passam a ser telas para quem ousar, com suas cores e tintas, quebrar a monotonia impregnada nas paisagens.

Fonte: Júlia Monteiro (2014).

Figura 4 – Pixo *Amar elo cura*. Muro localizado em Ponta Negra, Natal/RN



Fonte: Júlia Monteiro, 2014.

Segundo Monteiro (2015, p.), o pixo *Amar elo cura* já foi registrado mais de 30 vezes por todas as zonas de Natal, como também em São Paulo, na Bahia e em outros estados do Brasil. A



partir desse pixo, o professor de literatura pode propor de forma didática aos alunos/as para que escrevam seus próprios versos.

Em uma tentativa de experimentar essa proposta nas aulas de literatura, solicitei que algumas pessoas produzissem seus próprios versos. Utilizando-se do pixo, construíram suas próprias intervenções poéticas e foram atravessados pela proposta de direcionamento para as aulas de literatura. A seguir, exponho uma das propostas:

Amar, elo com o nada, contato com a loucura.

Se apaixonada, esqueço a brandura:

Seja no muro ou no esgoto,

Escuto o murmuro do meu desgosto.

Sinto o elo do eu e do tu,

Tão paralelo ao meu corpo nu.

Mas mesmo assim vejo a mão

Produzindo em mim somente ilusão

(Pedro Danilo Galdino, 23 de novembro de 2015).

Recentemente, em uma conversa ao acaso com um amigo, consegui o contato de uma das idealizadoras do pixo *Amar Elo Cura*. Por meio de uma entrevista informal, a mesma relatou como surgiu a ideia do pixo, esclareceu que não faz sozinha as intervenções, havendo um grupo de garotas que produzem e dão visibilidade a esse grafismo, podendo assim ser encontrado em diversas parte da cidade e em outros estados. Além de muito propositivo esse diálogo, ela que usa a tag *Amarelo Cura*, possibilitou um entendimento do mundo dos sujeitos que produzem esses grafismos e compõem o grupo.

O que estamos defendendo é a possibilidade de uma nova visão da literatura e de como a contemporaneidade produz, através do caos e das diversidades proporcionados pelo urbano em ruas das cidades, paredes e muros, o elemento poético marginal que podemos inserir no contexto das aulas como modos de abrir espaços de diálogos que capturem novos/as leitores/as e reconquistem outros/as para a cena literária de nossas comunidades.

A pixação, por ser algo que choca, contrapõe valores estéticos atuais e ainda pouco compreendidos como a arte, não tendo, portanto, a mesma legitimidade que o graffiti tem para o senso comum. A legitimidade muitas vezes depende de uma luta social que envolve discussões,



debates, informações e quebra de velhos paradigmas, além de nem sempre ser a busca pela legalidade.

De modo similar, cabe a reflexão sobre a legalidade do que levamos para o contexto de sala de aula. Por ser algo proibido por lei, o pixo é visto como ilegítimo para ser utilizado no contexto escolar, mas faz parte do cotidiano dos/as alunos/as, por estarem registrados em diversos lugares e caminhos da cidade. Portanto, as aulas de literatura devem promover a inserção e propagação do novo, mostrar os simbolismos representados pelo pixo na nossa sociedade e o que ele permite denunciar.

Por fim, não pode passar despercebida a ação política dos grafismos urbanos como gritos prontos para ecoar pelas ruas através dos muros e concretos da cidade. Esse posicionamento difícil de se assumir, mas possível e instigante de querer a literatura marginal inserida no contexto escolar, enxergar os grafismos urbanos para além da marginalidade e da delinquência, é usar outros sentidos além do olhar, é ouvir esses gritos que ecoam através das vidas, dos desabafos, das alegrias e das paixões dos sujeitos contemporâneos que usam grafismos urbanos para mostrar a sua “cara”, sua verdade e suas vivências.

PIXANDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grafitti e o pixo, a arte das ruas, ofertam cores diferentes à paisagem. Seja por relevância artística, política, cultural e/ou social ou por sua presença ostensiva em espaços públicos, salta aos olhos dos transeuntes o impacto das frases pixadas ou imagens do grafitti no cenário urbano. As frases em preto, branco e cinza do pixo frente às figuras multicoloridas, aos traçados idiossincráticos e à expressividade característica dessa arte de rua cada vez mais presente no nosso cotidiano cidadão, começam invadindo nossos olhares-pensamentos, os/as nossos/as alunos/as, os muros da escola, os/as professores/as, as salas de aula.

Na cidade de Natal (RN), os grafismos podem ser encontrados nas ruas, avenidas, becos, vielas, centros comerciais, locais de ampla e pequena circulação, integrando a cenografia desses espaços. Essa conexão do espaço público com arte é um dos aspectos definidores do grafitti. Os muros e as paredes viram telas a céu aberto para receber as intervenções pictóricas, literárias, políticas, filosóficas, transformando, assim, esses locais em galerias para todos.

Comparando o grafitti a um quadro, temos relação diferente de quem olha. Enquanto, o



quadro estaria numa zona de ficção abstrata, o graffiti não cabe em um quadro, nem em suas limitações, além de se insurgir no muro do mundo concreto. No graffiti, a literatura aparece escrita em poeticidades, jogando com palavras, autores, obras, romances, poemas, filmes, referências, alusões, paródias, recriações, experimentações estéticas, vanguardas, pinturas, estilos, intertextualidades provocadoras de uma potência tal capaz de reconfigurar o espaço fixo em movência dos olhares passantes.

Como podemos perceber, num lance de associações neste trabalho, a palavra graffiti tem semelhanças com outras que fazem parte do nosso cotidiano, como ortografia, caligrafia e gráfica ligadas ao registro sobre uma superfície. A etimologia é grega “graphein”, que significa sulcar, técnica usada para escrever nos tempos da Grécia Antiga. Na atualidade, não mais através de sulcos, mas com o uso de tintas, os graffiteiros registram acontecimentos, situações, ideias, estados da alma, questionamentos e pulsões do corpo. Nesse sentido, o graffiti poético é um modo tático de marcar posição, uma maneira de dizer as coisas humanas por essa performance e deixar registrado no corpo da cidade. O letramento “poético-marginal” coloca a intervenção no espaço escolar, tendo como centro os/as alunos/as, as suas motivações pessoais, sua relação com a sociedade, trocando o espaço visto pelo olhar do graffiti para a oportunidade de poetizar as relações humanas e urbanas de convivência partilhada no conjunto da arte.

O graffiti não é apenas artístico, e não é só político, é amoroso, afetivo, interrogador, “apanhador de desperdícios”, é como criar um poema, não há uma justificativa exata, porém pulsa do artista para o muro e do muro que já não o é, sendo um desenho que se abre aos olhos de um leitor curioso e sedento das nossas aulas.

Por enquanto, a arte produzida nas ruas potiguares ainda não alcançou o nível de prestígio dos grafismos nos Estados unidos e na Alemanha. No entanto, mesmo que possa parecer distante, nutrimos esperança de uma realidade diferente nas aulas de literatura.



REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**. São Paulo: Planeta, 2003.
- CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- CEVASCO, Maria Elisa. A formação dos estudos culturais. In _____. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. **As relações de poder em Michel Foucault**: reflexões teóricas. RAP, Rio de Janeiro, mar./abr. 2010.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: Dreyfus, Hubert L.; Rabinow, Paul. **Uma Trajetória Filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Coleção Biblioteca de Filosofia. Coordenação editorial: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GOMES, Renata Gonçalves. **Impressões marginais**: Chacal e as vozes do periodismo brasileiro. UFSC. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Renata-Gon%C3%A7alves-Gomes.pdf>>. Acesso em: **10 de novembro de 2015**
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997, p. 17-46.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-131.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MONTEIRO, Julia. **Subversão na paisagem**: do canto do grafite ao grito da pixação. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais da Literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- RINK, Anita. **Graffiti**: intervenção urbana e arte. 1. ed. Curitiba: Appris, 2013.